

AGRONEGÓCIO E VISÃO DE FUTURO

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

Presidente da ABAG

*"Caos e ordem são as duas faces
da mesma moeda"*

Em artigo sobre os impactos da crise global de crédito de 2008, ainda não realinhada, comentamos que deveriam ser fundamentais seus ensinamentos aos países em termos das suas políticas macroeconômicas. Afinal, é fundamental a redução da volatilidade do crescimento dos países assim como ter foco no longo prazo.

Com a desaceleração observada das economias centrais, segundo André Lara Resende, o crescimento sustentável de longo prazo será dado principalmente, pelo impacto do progresso tecnológico na produtividade. Se a crise de 2008 trouxe graves problemas financeiros, isso não significa que seu peso seja maior que a falta de ondas transformadoras como as da Revolução Industrial. Afinal, a crise citada foi fator conjuntural cíclico e não uma transformação, como a introdução do motor a vapor ou a água encanada. Esses sim, foram motivadores de mudanças-chave!

Mesmo assim, alguns setores do agronegócio sofreram mais que outros com a crise financeira global. Dentre eles, o agronegócio de energia ou a agroenergia foi, talvez, um dos setores que mais sofreu. Vale lembrar, no Brasil, os efeitos negativos da alta alavancagem financeira, juntamente com 2 anos anteriores a 2008 com baixos preços, menor renovação do canavial e bem menores índices de expansão de área. O envelhecimento do canavial e as dificuldades do uso de tecnologia adequada, somados ao não investimento industrial levaram nos anos de 2009 e 2010 a um desbalanceamento entre a oferta reduzida e a demanda aquecida. Foram preços melhores mas com redução expressiva das exportações de etanol, que somados às importações de etanol e de gasolina acabaram gerando um grande ponto de interrogação sobre o futuro do produto renovável carburante.

A retração de crédito ao setor de cana e a não efetivação de uma política consistente de estoques reguladores, além do sistema governamental de definição dos preços da gasolina ao consumidor no Brasil, criaram um teto de oferta de cana difícil de ser rapidamente quebrado. No entanto, a demanda interna pede oferta de etanol em velocidade, que o setor produtivo não consegue ter.

Com algumas derivações diferentes, essa novela já vimos e detestamos..... o enredo viciado e atores sem estímulo, levaram a baixos índices de audiência e o telespectador ficou em dúvida sobre quem seria o vilão....o Produtor, o Governo ou o Clima?....ou seria o Distribuidor ou a Revenda? Baixos índices de audiência irritam a mídia, mas, também, o Governo. A falta de uma política definida leva a apontar os culpados empresários que visam o lucro..... Velhos tempos que voltam quando não se tem consistência sobre o tipo de capitalismo que deseja a autoridade eleita; afinal viu-se isso em 1980/81, em pleno governo autoritário, assim como se viu algumas vezes no modelo democrático pós 1985, como aconteceu em 1986, 1990 (somente melhorado em 1993/94), 1999/2000, e nos dias atuais.

Quando olhamos para os problemas climáticos dos 3 últimos anos e o que aconteceu com a seca no Rio Grande do Sul, despertamos do pesadelo do endividamento dos agricultores de grãos e a falta de seguro rural. Vai continuar assim?

Olhando para o agronegócio como um todo, o Século XX viu as commodities agrícolas continuarem a financiar o desenvolvimento industrial e as políticas de equilíbrio inflacionário. O que se vê no Século XXI?

1. ONGs ditando dificuldades ao desenvolvimento do negócio agricultura de todos os modos possíveis..... vide o Código Florestal;

2. Segundo Lester Brown, tanto agricultores como chanceleres precisam estar preparados para uma nova era na qual a escassez mundial de alimentos vai moldar cada vez mais a política global. Isso pode levar a uma crescente competição por suprimentos alimentares, gerando um nacionalismo alimentar para países ricos individuais, pouco fazendo para melhorar a segurança alimentar global;

3. Preços mais elevados das commodities agrícolas: a nova geopolítica dos alimentos e dos biocombustíveis tem diferentes impactos nos EUA ou na Índia.....

4. Dificuldade crescente de disponibilidade de água e de terras, até pelos efeitos negativos esperados do aquecimento global.

5. FMI importante para a Europa e não para países emergentes, sejam eles latino-americanos ou asiáticos.

A discussão alimento versus biocombustíveis irá dificultar enormemente o uso de grãos para a produção do etanol ou do biodiesel, colocando maior pressão sobre a matriz energética suja global, principalmente agora após os efeitos do vazamento do petróleo no Golfo do México e dos problemas da energia nuclear no Japão. Nesse caso, o Brasil tem um "handicap" extremamente favorável, face a capacidade competitiva dos seu biocombustíveis e a capacidade de expansão de forma sustentável da sua área agricultável. Mas o que vemos ?

- Falta de investimentos privados;
- Críticas contundentes do governo pelas dificuldades do produtor em ampliar a produção.....ao contrário disso, um governo equilibrado chamaria os seus produtores para discutir como realizar esse aumento.....é preciso amparar ou abraçar seus produtores e não desapontá-los como hoje se faz;
- Coordenação de Governo para políticas tributárias comuns entre estados, de forma a estimular a energia renovável; ao produtor, basta ser competitivo, seguindo os interesses de perpetuidade.

Lara Resende, citando Roberto J. Gordon, lembra que a teoria econômica ensina que o crescimento nas economias dos países depende das taxas de poupança e investimento, do aprimoramento da educação e das rupturas tecnológicas. Analisando as projeções do crescimento necessário da oferta, percebemos que mesmo usando taxas de crescimento positivas e possíveis, no agronegócio, os limites físicos do planeta criam restrições ao crescimento desejado.

Essa discussão traz, portanto, um novo desafio ao que foi citado antes que até agora não "emocionou" o governo federal: Vamos, no Século XXI, administrar escassez! Precisamos, pois, buscar rupturas tecnológicas!

A questão, para o Brasil, é onde buscar isso e com quais forças concentradas podemos conseguir isso em larga escala, trazendo ao país liderança e peso geopolítico global. Em que setores o Brasil pode realizar isso?

A pecuária faz a sua revolução de produtividade, liderando a liberação de terras para a agricultura de grãos e de biocombustíveis que também ganham produtividade reduzindo a necessidade de novas áreas, além da silvicultura e outras culturas de fibras; a mecanização agrícola libera mão de obra para outras atividades, pesando, no entanto, a falta de formação educacional; o caminho da biotecnologia é o da nova revolução, no Século XXI, focada na biomassa do agronegócio. Esses setores, no agronegócio, serão a marca do Brasil no Século XXI e a velocidade disso acontecer irá depender da sensibilidade e da sabedoria dos governos, federal e estaduais.

Compromissos, do lado do Estado e do setor privado, são fundamentais e partem das políticas públicas implementadas.

O Brasil é, portanto, o grande exemplo global com o seu agronegócio, principalmente para os países tropicais. É fundamental reposicionar as políticas que induzem crescimento, mesmo que para isso haja sacrifícios das acomodações de Estado ou de Estatais..... cobrar compromisso do produtor faz todo o sentido desde que seja parte de uma sensata política agro-energética do país, onde a revolução tecnológica fará o impacto fundamental para o crescimento necessário de longo prazo que o Brasil requer. Só assim iremos assumir uma liderança global que nos é cobrada pela FAO e OCDE.